

A OPÇÃO PELO LIBERALISMO

A demissão do presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Andrea Calabi, e a declaração do presidente Fernando Henrique Cardoso de que o Brasil vai manter os braços abertos ao capital estrangeiro indicam os rumos que o governo deve seguir pelo menos no curto prazo. Além disso, reforçam a polêmica em torno

da política de crescimento do país. Duramente atingido pelo afastamento de seu amigo pessoal do BNDES, o ministro da Saúde, José Serra, disse na sexta-feira, em uma conferência na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, que a briga entre os chamados desenvolvimentistas e monetaristas no governo brasileiro só serve para desviar o foco das atenções so-

bre os reais problemas do país. "Não há tolice maior no debate brasileiro do que separar desenvolvimentismo de estabilidade, nacionalismo de entreguismo", afirmou o ministro.

Serra é aliado do chamado grupo desenvolvimentista, que defende o afrouxamento da política monetária do governo para promover o crescimento do Brasil. A turma da qual também fazem parte o ex-ministro das Comunicações e atual vice-presidente do PSDB, Luiz Carlos Mendonça de Barros, e seu irmão José Roberto Mendonça de Barros, é aliada da indústria nacional e prefere que o governo não finan-

ciarie os investimentos das empresas estrangeiras no Brasil. Afago do presidente no capital estrangeiro e mudança no comando do BNDES são provas de que o governo continuará seguindo a cartilha de Malan

que abraça, entre outros, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, acha que o governo deve manter o caixa fechado mesmo que isso adie a retomada do crescimento econômico. Malan e sua turma pensam que a manutenção da política monetária consolidará a estabilidade e,

com isso, o país voltará a crescer naturalmente. Para esse grupo, que apóia sem restrições o capital estrangeiro, o dinheiro arrecadado nas privatizações deve ser usado exclusivamente no pagamento da dívida pública.

Mas o discurso de Fernando Henrique na quinta-feira a favor dos investidores externos, a demissão de Calabi na terça-feira e a indicação de Francisco



Gros para o BNDES na quarta-feira, foram três episódios que fortalece-

ram as idéias monetaristas dentro do governo. Ou seja, ao contrário do que desejam os desenvolvimentistas, o BNDES continuará financiando as empresas estrangeiras, os juros seguirão altos e os investimentos do governo para estimular o crescimento e garantir o bem-estar social da população serão alvos de cortes toda a vez que o equilíbrio fiscal estiver ameaçado.